

10 MAI 1993

Classe média disputa vaga em hospital público

A queda no padrão de vida leva famílias do Rio a 'esquecer' preconceitos e buscar atendimento público

ROBSON PEREIRA

RIO — Primeiro foram as escolas. Agora são os hospitais. Cada vez mais empobrecida, a classe média deixa de lado alguns preconceitos e passa a disputar com as camadas mais carentes da população os serviços da rede pública de saúde. No Rio, as primeiras consequências da disputa são visíveis nos hospitais públicos da Zona Sul, que registraram aumento de até 40% nos atendimentos no primeiro trimestre do ano. Preocupados com a situação, os diretores desses estabelecimentos advertem para a possibilidade de colapso e chamam a atenção para um fato curioso: a convivência em uma mesma enfermaria de vítimas de doenças de Primeiro Mundo ao lado de pacientes com dengue ou cólera.

"Deixamos de ser um hospital de emergências e estamos atendendo milhares de pessoas que não deveriam estar aqui", admite o diretor do Hospital Municipal Miguel Couto, Paulo Pinheiro. "Todos os dias, chegam pessoas vindas de clínicas particulares. Quando o dinheiro acaba, elas não têm alternativas a não ser o nosso hospital." Localizado na Gávea, o HMMC divide com o Hospital da Lagoa e o Hospital de Ipanema — do Inamps — a "preferência" da classe média.

Como os dois hospitais do governo federal estão com vários serviços paralisados, a pressão maior recai sobre o Miguel Couto. "Temos equipamentos, mão-de-obra e recursos, mas estamos à beira de um stress por causa do aumento da procura", diz Pinheiro.

De janeiro a março, o número de internações no HMC cresceu 38% em comparação ao mesmo período do ano passado. Em relação a 1991, a média mensal de internações no hospital dobrou, passando de 500

para 1.011. Na emergência não houve alteração significativa. Porém, o número de óbitos foi recorde: 376 no trimestre — 64% a mais do que de janeiro a março de 1992. "O aumento do número de casos graves é assustador", afirma Pinheiro. Segundo ele, a maior parte dos óbitos ocorre antes de o paciente completar 24 horas no hospital.

Constrangimento — A presença da classe média nas pode ser observada no aumento da procura por exames laboratoriais, raio X, tomografias e ultrassonografias. A unidade coronariana apresenta taxa de ocupação acima de 100%. "Os altos preços dos planos de saúde, fizeram com que a classe média perdesse o preconceito na hora de procurar um hospital público", analisa Pinheiro. "Mas ainda assim, há pessoas que reclamam da falta de lençóis ou ficam constrangidas por estar em enfermarias coletivas."

A professora universitária Ruth Levi Zindeluk integra a "nova clientela" dos hospitais públicos. Dona de um confortável apartamento no Leme, na Zona Sul, há duas semanas Ruth precisou recorrer a um hospital público. Sua mãe, de 82 anos, precisava fazer uma bronco-aspiração: "Ou me desfazia de um outro imóvel da família para manter o tratamento num hospital privado ou levava minha mãe para o Miguel Couto." Em 1992, Ruth passou pelo mesmo conflito na hora de transferir as filhas, de 10 anos e 14 anos, para a escola pública.

Ruth admite que teve de contar com a ajuda de um amigo para conseguir a internação da mãe no Miguel Couto. Vencida a primeira etapa, ela procurou o ex-marido, também professor, para transferi-la para o Hospital do Fundão, mantido pela Universidade Federal do Rio, onde está internada.